

## ***NUNCIÇÕES FORA DA ORDEM FALAS ESCRITURADAS EM SALAS VIRTUAIS DE CONVERSA***

Pedro de Souza

**RESUMO:** *Cet article examine la pratique de l'interaction dans les salles de conversation avec internet. À partir des registres écrits des prises de parole, l' on montre que l'acte d'énonciation décrit des aspects d'une dynamique temporelle qui provoque des ruptures à la continuité énonciative. De là, on lance des éléments pour l'analyse de l'enonciation en tant qu'événement indifférent à l'ordre discursif qui la signifie et l'intègre dans une unité conversationnelle virtuelle.*

**PALAVRAS-CHAVE:** escrita, enunciação, interação, subjetividade, significação, discurso

Em trabalho anterior, procedi a uma abordagem dos fenômenos ditos suprasegmentais - hesitações, pausas – procurando demonstrar como estes revelam traços da temporalidade no fluxo da conversação. No quadro teórico da escola francesa de Análise do Discurso, procurei pensar o tempo como parte do funcionamento discursivo que concorre para a construção da posição de sujeito no processo enunciativo implicado no ato de

---

*Pedro de Souza* é professor da Universidade Federal de Santa Catarina.

conversar Os resultados obtidos neste trabalho (SOUZA, 2000)<sup>1</sup> permitiram mostrar que a administração dos turnos de fala ao longo dos sucessivos atos de enunciação oral tem menos a ver com um controle cognitivo dos interlocutores e mais com dada propriedade do tempo que consiste na abertura para reposicionamentos possíveis do sujeito.

O que estava em jogo na análise era as ocorrências de pausas e intercepções, próprio da linguagem oral, que interferem no desenrolar da conversa. Daí a aplicação do conceito de descontinuidade enunciativa para designar o efeito de quebra no contínuo conversacional. Concluí que a possibilidade de a interação sobreviver perante uma aparente suspensão do ato enunciativo está justamente no fato de os fatores de interrupção constituírem uma modalidade de ocupação do tempo caracterizada pela conversão dos espaços lacunares da fala em traços constitutivos da enunciação em curso.

Embora incidindo como espécie de resíduos ou de rasuras na superfície da textualidade oral, estes traços revelam a tessitura da duração como elemento constitutivo da cena enunciativa. A ocorrência de quebras - provocadas pela abertura de um branco entre um turno de fala e outro - concorre para que cada ato de enunciação ganhe tempo para reencontrar sua imaginária completude. Isto acontece segundo dada ordem discursiva em que o turno de fala pode tornar-se suscetível de fazer sentido. Assim, o conceito de enunciação com que opero aqui diz respeito, ao seu caráter de acontecimento<sup>2</sup>, tomado no percurso aleatório, ou seja, no momento em que, alheio a alguma ordem discursiva, ainda não se fechou

Pois bem, neste trabalho gostaria de avançar neste pensamento, observando o mesmo fenômeno em situações virtuais de conversa. Relativamente à conversação que acontece à distância, mediada pelos dispositivos informáticos da internet, a questão agora é saber em que limites o fluxo da interação estabelecida entre dois ou mais sujeitos no ciberespaço em tempo sincrônico pode suportar a incidência de descontinuidades enunciativas sem que torne impossível a permanência da continuidade interativa. Trata-se de trabalhar no limiar entre o dentro e o fora de discurso. Com respeito aos processos temporais sincrônicos, estou me referindo às dinâmicas de interação dos quais são típicos as salas de conversa ou bate-papo, disponíveis na rede da internet. São ambientes em que várias pessoas, conectadas a determinados ambientes virtuais de interação, mediante seus computadores pessoais, encontram-se em dado dia e hora para

<sup>1</sup>Projeto financiado pelo CNPq do qual faz parte o presente artigo.

<sup>2</sup>Epego esta noção o sentido que propõe Foucault (Ordem do discurso, Edições Loyola, 1996, p. 50-56)

conversar sobre tema predefinido.

Na maioria dos ambientes virtuais, as formas de comunicação mediadas por computador têm a escrita como suporte material da interação. Não é questão aqui de opor a forma do oral à forma da escrita, em termos de sistematicidade lingüística, mas sim de considerar os diferentes suportes materiais inerentes à estruturação do significante<sup>3</sup>, ou seja, o sonoro e o gráfico que, respectivamente, dão forma ao ato de enunciar no oral e no escrito.

É o caso de assinalar aqui que se trata da distância entre o escrito e a ausência de voz, do mesmo modo em que a mudez da língua de sinais não coincide com o silêncio. Contudo se o deficiente auditivo fala desenhando com gestos seu ato enunciativo, o internauta desenha sua enunciação na pauta escritural do teclado e da tela do computador. No contexto ciberespacial de interação, o escrever apresenta-se como modalidade co-extensiva da fala não presencial: as interações nas salas virtuais de conversa, empregando uma terminologia proposta por Gilles Deleuze (1985) reportando-se às legendas do cinema mudo, são produtos de atos escriturais de enunciação.

Como abordar eventos de enunciação em que a produção da fala compõe uma unidade conversacional baseada em fragmentos enunciativos estruturados na modalidade material da escrita? A atenção aqui recai sobre o fato de que, em salas virtuais de conversa disponibilizadas na internet, não é possível o locutor dirigir-se a seus pares senão escrevendo. Outro agravante ainda é que a escrita, que deve ser o continente do dizer, não se materializa diretamente em folha de papel. Há que se recorrer aos dispositivos informáticos que tornarão possível o transporte de turnos descontínuos de fala de um computador para outro. Juntando tudo isto, tem-se o dispositivo interativo cujos elementos são próprios da funcionalidade, incerta e equívoca, da língua e do programa ('*software*'): um dispõe para o falante, os elementos gráficos que o levam a compor unidades lingüísticas de expressão; outro dispõe para o internauta as instruções sobre como deve executar um conjunto de tarefas para interagir em dado ambiente virtual.

Tudo conspira para uma dupla ordem simbólica que determina, *a priori*, o processo pelo qual deve emergir, na interface entre máquina e sujeito, cada ato enunciativo que deverá correlacionar-se a um turno de fala na conversação que segue *online*. Observa-se aí o sentimento que pode experimentar o enunciador internauta sobre o tempo consumido para alcançar o co-enunciador em uma sessão virtual de bate-papo. Se há um

<sup>3</sup>Aludo aqui à noção de significante formulada por Saussure e revista na vertente lacaniana da psicanálise

preço a pagar para manter-se conectado, ele pode ser computável no tempo que o internauta está disposto a perder relativamente à outra ordem temporal que se abre no ato mesmo de enunciar, intervalo em que se opera o encontro entre uma atualização e uma memória (Pêcheux, 1990), potência interdiscursiva que torna possível o andamento de uma conversa em dado canal da internet.

É preciso então pensar que os chamados ‘*chatrooms*’, salas de conversa, disponíveis na internet, configuram um modelo particular de conversação cuja interatividade entre os interlocutores pressupõe a presença da máquina funcionando ao mesmo tempo como dispositivo de circulação e como espaço de produção do discurso que sustenta e é sustentado por alguma forma de configuração conversacional. Ou seja, ao mesmo tempo em que a textualidade da conversa se faz sobre discurso, este, enquanto dispositivo exterior e constitutivo da interpretação encontra aí seu lugar material de passagem, mediante constantes atos enunciativos, organizando ou não um roteiro conversacional, fora de discurso, a enunciação prolifera sentidos à deriva, ou seja, ela só é interpretável sob complexas condições de produção.

Falo da complexidade implicada nos ritmos heterogêneos a que o gesto de enunciar está submetido, já que cada internauta depende da agilidade da máquina e dos próprios dedos para enunciar escrevendo. São muitas as facilidades tecnológicas disponíveis para que um grupo de indivíduos situados em um lugar qualquer do mundo possa se encontrar e trocar idéias sem se deslocar. Entretanto falar instantaneamente uns com uns outros na internet leva tempo. Basta lembrar, que, malgrado a evolução funcional dos periféricos de computadores, pelo menos até o presente momento, o internauta ainda se vê obrigado a mover dois dedos no teclado de seu computador para fazer um @<sup>4</sup>.

Paradoxalmente, se a velocidade temporal aplicada ao ciberespaço torna imperceptível a duração do que se passa entre um clicar e outro do *mouse*, a dependência da mediação maquínica torna, muitas vezes, raras as chances de interação. Em verdade, quando se trata de contato intersubjetivo via computadores, o tempo de elaboração da informação acaba sendo maior que o tempo de acesso, sobretudo quando consideramos, sob o prisma da escola francesa de análise de discurso, que os conteúdos informativos não se dão em si como dados comunicativos *a priori*, mas como efeitos de

---

<sup>4</sup>É Bodil Jönsson (1999:75) quem protesta, em uma das dez considerações que faz sobre o tempo: “*nessa era da informática em que as mudanças técnicas se fazem a velocidade da luz, a idéia de que @ deveria ser obtido mediante apenas uma pressão sobre o teclado não ocorreu à mente de todos os montadores*”

sentido<sup>5</sup>. Daí que a longa duração a que se submete os interlocutores, durante o tempo em que permanecem interagindo em uma sala de conversa na internet diz respeito, não só à apreensão cognitiva, mas ao contexto interpretativo do que é dito, enfocado no horizonte do imprevisível.

Proponho aqui pensar que a conversação que acontece via dispositivos da internet, na medida em que abole os parâmetros de percepção espacial expõe o tempo como funcionamento central da interação. Wolton (2000, p. 107) observa que *não há comunicação sem experiência do tempo: do tempo para falar, para se compreender, para ler um jornal ou um livro, para ver um filme, e independentemente dos problemas de deslocamento*. Deste ponto de vista, o ato comunicativo implica sempre uma duração, portanto a enunciação em sua espessura de acontecimento.

Mas se a temporalidade incide sobre qualquer modo de interação, isto acontece diferentemente, conforme nos comunicamos face a face ou à distância. A diferença reside no fato de que nas modalidades de interação não presencial o tempo ganha em autonomia produtiva, exacerbando o sentimento da duração na mesma medida em que ficam abolidos os parâmetros materiais que dão suporte à ordem simbólica que determina a experiência empírica da presença.

Assim, nas interações no ciberespaço, a subtração do contato presencial é diretamente proporcional à adição da proximidade temporal inerente a qualquer modalidade comunicativa. Aparece aí uma curva produzida pelo encontro entre a velocidade dos acontecimentos enunciativos no ciberespaço e a lentidão que está na base constitutiva do modo com que o sujeito experimenta o tempo em qualquer evento enunciativo. Penso que uma certa elasticidade temporal deve se manifestar tanto no ato de transcrição da fala no teclado do computador, quanto na interpretação das falas escrituradas que giram na barra de rolagem da tela do monitor.

No quadro dessas considerações, proponho aqui uma perspectiva analítica de eventos de enunciação, tomados como processo imanente ao discurso, ou seja, a condição material da ordem simbólica que sustenta a conversação em salas de bate-papo na internet. O objetivo é examinar os efeitos da temporalidade a que se submete a distribuição das enunciações correlativas de turnos de fala e as conseqüentes posições de sujeito no discurso em vias de se fechar na estrutura textual da conversação observada em um ambiente virtual específico.

Interessa-me analisar, sob o ponto de vista da duração, as modalidades enunciativas que se expõem à interpretação. Em outros termos, que-

---

<sup>5</sup>Pêcheux, 1969

ro me deter sobre a temporalidade inerente à diferença de ritmos com que cada interlocutor participa de uma conversa na internet. A hipótese é de que esta heterogeneidade de ritmos enunciativos produz o que pretendo localizar como enunciações fora de ordem fazendo ver *sujeitos à deriva em salas virtuais de conversa*.

### *ATOS FORA DE ORDEM*

Falar e escrever simultaneamente. Nisto consiste a problemática mais geral que diz respeito ao fato de que na internet a escrita é o suporte material da interação. Ou seja, enquanto nos encontros face a face a forma material da linguagem sustenta-se na sonoridade lingüística, nas conversações mantidas no ciberespaço, o que há de oral como característico da interação lingüística só pode realizar-se materialmente pela ação do código escrito. Em vez da voz são os dedos que, tocando o teclado, agenciam, através de um regime de escrita instantânea, o ato individual de enunciação.

Na grande maioria dos modelos de sala de bate-papo, para entrar na conversa, o participante deve digitar e enviar sua fala para o computador que administra o *chat*. Após alguns segundos, esta fala, codificada na escrita alfabética da língua ali empregada, é exibida na tela de cada participante segundo a ordem seqüencial em que o computador central a recebe e a transmite. Deste modo, na superfície lingüística exposta na tela, a conversação estrutura-se como uma seqüência de turnos de fala compostos de curtos trechos de enunciados girando ininterruptamente em uma barra de rolagem.

Vê-se que usualmente, nestes contextos de contato à distância, a prontidão para enviar e responder mensagens é condição fundamental para o andamento regular da conversa. Já que o contato desenrola-se em tempo real, o ritmo é fator determinante da colocação da fala de cada protagonista no circuito múltiplo de turnos em curso em dado momento síncrono.

Tomado em seu estatuto de sujeito de enunciação, o problema para o internauta é manter-se presente na conversa, enunciando, através de constantes atos de escritura, a saber, escrevendo.

Na internet, a modalidade escrita de expressão implica o desafio de fazer com que a duração entre uma troca verbal e outra corresponda aproximadamente ao mesmo ritmo de uma conversa face a face. Estas trocas verbais enfrentam a barreira do gesto mecânico de escrever, o que implica lentidão para que a conversa se desenrole no tempo.

Neste ponto é importante assinalar que a experiência de comunicar-se na internet nos faz deparar com o fato de que falar e escrever não

comportam o mesmo investimento corporal e gestual. Tem-se aí dois modos materiais de significação que envolvem, com referência ao indivíduo que enuncia, aspectos orgânicos atinentes à atividade de enunciar – psicofisiológico no ato de falar e psicomotor no ato de escrever.

Sob este ponto de vista, não importa tanto o escrever como meio de expressão, mas como dispositivo maquínico que, ao ser acionado, em atos de enunciação, traz em sua forma material a possibilidade de significar a si e ao outro. Que relação tem isto com o tempo? Para responder a esta questão, basta atentar para o que se passa nos sucessivos intervalos entre um clicar e outro do *mouse* sobre o botão ‘entrar’, ação momentânea em que se opera o envio das mensagens. Proponho que neste intervalo todos os participantes de uma sala de conversa, mediante singulares experiências de escritura, tornam-se mutuamente cúmplices do tempo e do espaço a significar. Tanto quem escreve, quanto quem lê fragmentos de enunciado rolando em tela demanda tempo; tempo para o enunciador, em escrevendo, converter-se nos traços de sua escritura, tempo para o co-enunciador interpretar instantaneamente o que lhe é oferecido a ler de si e do outro no movimento cruzado de gestos de escrita.

Este movimento mútuo de troca instantânea de mensagens escritas descreve uma cena enunciativa cuja diferença com, por exemplo, a conversa telefônica, está na elasticidade do tempo a dizer imputável a cada protagonista da enunciação. O que estas instâncias partilham de comum é a abertura para algo como o que Trognon (1994) chama de descontinuidade, ou seja, pontos de quebra da unidade conversacional. Nestes termos, o autor propõe duas qualidades de descontinuidade: a que recai sobre o fluxo conversacional e a que recai apenas sobre o ato enunciativo correlativo a um dos turnos de fala que compõem a conversação.

Desta distinção decorre que a emergência de uma descontinuidade enunciativa não acarreta necessariamente descontinuidade conversacional, já que um dos interlocutores pode retomar o turno desviante e religá-lo ao fio da conversa em curso. Vale aqui expor o argumento de Trognon:

De nombreuses discontinuités proviennent ainsi du fait que les interlocuteurs d’une conversation gèrent pas-à-pas et point par point ses composants. Par exemple, dans un polylogue c’est-à-dire dans une conversation comportant plus de deux interlocuteurs, il suffit que le locuteur prenant le troisième tour de parole enchaîne sa production à celle du premier tour pour qu’une discontinuité soit susceptible d’apparaître entre les deuxième et troisième tours. Les interactions disposent du reste d’un procédé leur permettant de marquer une discontinuité avec l’intervention immédiatement adjacente tout en rétablissant un

lien avec l'intervention à laquelle ils enchaînent (TROGNON, 1994, p.65).

Tomando a conversa como um fio de conexões descontínuas, pode-se dizer que cada ponto que a compõe corresponde a um ato de enunciação que perfaz um turno de fala. O desencontro entre um ponto e outro da enunciação tem a propriedade discursiva de afetar o modo e a direção com que flui a conversa. No instante e no eixo da cadeia em que isto acontece, fica detectável a ocorrência de um fato de descontinuidade enunciativa seguida ou não de uma desorganização conversacional.

Neste sentido pode-se inferir que a deturpação ao nível da temática e a quebra do ritmo são respectivamente marcas próprias da desorganização conversacional e da desordem enunciativa. Daí decorre também que para haver organicamente conversação é preciso submeter múltiplas e simultâneas enunciações a dada ordem de discurso.

O conceito de descontinuidade presta-se então a designar a complexa forma do movimento de turnos de fala observável nos formatos de sala de conversa em ambiente virtual. Esta descontinuidade aponta para diferentes relações que se encontram no limite capturável pelo discurso ou fora de qualquer ordem discursiva. Quando Hilary Bays<sup>6</sup>, analisando um dos canais do IRC, sugere que *ignorar uma seqüência é também uma estratégia para evitar certos tópicos ou a inclusão de um certo participante*, está, em verdade, apontando o funcionamento da descontinuidade em discurso desenhando um certo modo de relação com a unidade conversacional.

Neste caso é a ordem de discurso que se faz valer seguindo indiferente ao curso aleatório das enunciações desgarradas. Ainda que, não acolhidos na conversa, tais atos enunciativos, entregues à força discursiva, exercem aí uma função pertinente integrando a unidade conversacional como pontos de não-coincidência relativamente à ordem do discurso ali arrolada. Sob este viés, certamente a não resposta a um turno de fala adquire uma importância no andamento da conversação. Reconhecido ou não, eles permanecem rolando na tela, indiferente ao desconhecimento do ato enunciativo que o fez aparecer.

Mas outro fator pode estar na base da ocorrência de enunciações que rolam soltas, desgarradas do fio conversacional, turnos que aparecem como resíduos ou ruídos não incorporados. Este fator está ligado ao lapso de tempo entre a digitação e a exibição do enunciado na tela que faz com que uma mensagem retardada fique sem retorno, ou receba respostas não mais pertinentes ao rumo pretendido na cadeia da conversação.

---

<sup>6</sup><http://viadrina.euv-frankfurt-o.de/~wjournal/bays.htm>



Trata-se de pensar de outra maneira o que convencionalmente é tido como conversa paralela ou digressão. Ao invés disso, o que se vê, na aparente confusão de mensagens rolando na tela do monitor, são séries descontínuas de enunciação. A propósito disso, tomando por base a contagem de minutos e segundos procedido pelo sistema informático da sala de conversa no registro de cada turno de fala, é possível observar o tempo que leva um internauta procurando distinguir, entre as várias conversas, em qual está inserido ou em qual pode ocupar uma posição para falar.

Conglomerados de turnos de fala sobrepostos acumulam-se linearmente, não na superfície espacial de alocação dos enunciados, mas na linha de passagem do tempo que se pode ver simbolicamente notado em dígitos designativos de hora, minutos e segundos, à esquerda de cada sequência de diálogo. Assim é que se pode constatar como a enunciação está implicada aqui como acontecimento, dentro ou fora da ordem de discurso inerente a cada ambiente de conversa no ciberespaço. Constata-se aí o corte entre o instante e o sujeito de que fala Foucault. A enunciação acontece fazendo ver a difração de posições de sujeito e do tempo.

Não se trata, bem entendido, nem da sucessão dos instantes do tempo, nem da pluralidade dos diversos sujeitos falantes, trata-se e cesuras que impõem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e e funções possíveis. Tal pluralidade golpeia e invalida as menores unidades tradicionalmente reconhecidas ou mais facilmente contestadas: o instante e o sujeito (FOUCAULT, 1996, p. 23).

O problema aqui é saber como esta descontinuidade na enunciação, materialmente causada por defasagens temporais, constitui uma sistematicidade alheia à ordem discursiva passível de atravessá-la e projetar ou não nesta descontinuidade uma unidade conversacional. O pressuposto empírico está nos mecanismos de interatividade que colocam sujeitos em contato, através de rede de computadores. Usando o conceito de descontinuidade, é possível compreender a configuração temporal própria das conversações em ambiente virtual. A partir daí que analítica adotar?

Há que se mudar a perspectiva com aqui normalmente se observa a transcrição de uma conversa. Diferente da interação oral, em circunstância não mediada por computador, a quebra no fluxo enunciativo não é dada pela incidência de congestionamentos no circuito vocal, mas pelo desencontro entre turnos de fala. Neste caso, a duração marca-se pela emergência de vários turnos de fala que interceptam o encontro de um turno anteriormente lançado na cadeia da conversa com a posição interlocutiva para a qual se dirige no processo conversacional.

Há tempo transcorrido em um e outro caso. Só que no primeiro,

ocasionado pela disfluência, a duração é efeito de suspensão, enquanto no caso de desencontros de turnos, é o preenchimento do tempo por falas residuais que marcam a duração.

No caso das descontinuidades observáveis em conversações *online*, quero aplicar a idéia de duração, não relativamente a um turno de fala isolado, mas ao intervalo aberto entre um e outro turno. Refiro-me especificamente ao fato de que numa sala de conversa uma fala é sempre lançada em direção a uma posição na estrutura conversacional, posição esta representada pelos participantes da conversa. Como mostrei antes, ao lançar sua fala na cadeia conversacional, o interactante pode ter de esperar longo tempo para ser respondido, ou até mesmo ficar sem resposta.

Quero aqui atentar para o estatuto conceitual deste vazio temporal. Teoricamente, este interstício dado pelo desencontro entre turnos de fala mostra, em termos enunciativos, a abertura para uma multiplicidade de tempos. Reporto-me ao tempo dos efeitos de sentido advindos da ordem discursiva sempre à espreita para capturar os movimentos casuais dos dizeres a significar.. Isto pode explicar a desestabilização do discurso em vias de se fechar no plano do que seria a organização textual da conversa. Neste ponto, fica posta a idéia de que muito embora o discurso pressuponha atos de enunciação, estes podem ser analisados como acontecimentos não redutíveis ao discurso, desde que sejam pegos na forma e dinâmica material de linguagem que os torna possíveis.

### ***NO RISCO DA ESPERA***

A propósito do tempo, tudo depende não só da rapidez com que a informação pode transitar entre os participantes de uma sessão virtual de conversa, mas também do grau de coincidência entre o tempo de enunciação e o tempo de exposição do enunciado correspondente transcrito na tela do computador de cada usuário. Tomemos, à guisa de exemplo, um fragmento de conversa da Oficina Virtual de Texto Literário, uma das atividades oferecidas no canal *Espaço Literário*<sup>7</sup>, que está inserido no espaço do *Convivência*, um dos portais disponibilizados no *site* intitulado *Unidade Virtual do SESC-SP*,

A finalidade desta oficina virtual de escrita, idealizada e coordenada pelo escritor paulista, João Silvério Trevisan, é oferecer na internet um espaço para que todos os que gostam de escrever possam se encontrar e trocar idéias acerca da criação literária. No exemplo a seguir, detenho-

---

<sup>7</sup><http://sesc.uol.com.br/sesc/convivencia/oficina/frasalaoficina.htm>

me na marcação da passagem do tempo e a relação que entretém com a entrada dos consecutivos turnos de fala no ambiente virtual de conversa.

[07:41:20] *A*: Será que posso pedir pra um de vocês “salvar” o conteúdo da oficina de hoje, a partir de agora. É a título de documentação, pro arquivo. É bem simples, posso explicar como fazer...

[07:41:28] *F*: oi aqui é o *R*, vamos tomar um café e depois voltamos ansiosos para ver o que vai dar isso tudo

[07:42:05] *C*: *A*, como se faz pra salvar? Vc provavelmente vai ter que repetir isso depois...

[07:44:36] *A*: A entra na sala...

[07:45:15] *M*: oi gente!

[07:46:14] *M*: vcs me vêem?

[07:47:06] *C*: Oi, *M*. Você é o cara do Rio?

[07:47:11] *A*: Gente o M entrou na sala!

[07:47:59] *M*: naum, *C*, eu sou o de recife.

.....  
[08:49:11] Trevisan: Vamos falar um pouco sobre o material explicativo q mandei pra vcs? Não me refiro aos textos... ainda. Vcs querem fazer alguma observação, discutir: Com calma, viu P?

[08:49:15] *S*: LARICA onde surgiu esta palavra Trê/

[08:49:21] *S*: LARICA onde surgiu esta palavra Trê/

[08:49:37] *F*: MDTR>>>>>

[08:49:54] *F*: FOME!!!!

[08:49:56] *M*: Pra mim foi aí no Rio, *P*.

[08:50:13] Trevisan: *P*, e como vou saber?

[08:50:17] *A*: desculpem-me a intromissão, mas como produtora do site, vim somente ver se estava correndo tudo bem na abertura da Oficina e dizer que esta oficina será fechada entre vcs 8 somente. Nem eu, nem ninguém mais será olheiro do trabalho desenvolvido por vcs. Desculpem mais uma vez o incômodo e boa oficina a todos!

[08:50:48] *M*: ciao, *A*

[08:51:03] *S*: Segundo o Luis Mott a maconha veio da africa era chamada pito da guinéio

[08:51:20] *F*: Um beijo e obrigada por nos receber....

[08:51:21] Trevisan: Quer começar, *P*? Acho q vc tem o q falar, a julgar pelo méio q me mandou.

[08:51:35] *A*: tchau pra todos!

[08:51:55] Trevisan: *I*, vc está aí? Tão caladinha...

[08:52:05] Trevisan: Ciao, *A*.

[08:52:32] *R*: Obrigada *A*. Gostei de saber que estamos a portas fechadas.

[08:52:50] *C*: *C* entra na sala...

[08:52:56] Trevisan: Alguém mais quer ir comentando coisas sobre a oficina: dúvidas, sobretudo. Dúvidas técnicas, inclusive.

[08:52:59] *S* confesso que fiz de propósito

[08:53:43] *M*: Eu achei ótimo o seu texto explicativo, João. Fez-me ver que a oficina seria exatamente o que eu esperava. Gostaria de parabenizá-los pela ótima qualidade dos textos. Fiquei até meio orgulhoso de poder figurar entre vcs.

[08:53:49] *C*: Gostei da objetividade do seu material, Trevisan. Especialmente a parte que diz que o escritor se diferencia pelo empenho.

[08:53:51] Trevisan: Sobre a oficina fechada ou aberta, por exemplo. Em princípio, ela deve ficar aberta para visitantes de fora. Mas hoje, exsc

[08:54:16] Trevisan: Mas hoje excepcionalmente não está funcionando essa parte.

[08:54:41] Sgraças à deus!

Se os interlocutores falam entre si na mesma hora em dado espaço virtual, diz-se que o tempo da interação é real ou síncrono; se a interlocução acontece em horários diferentes, o tempo é chamado assíncrono. De qualquer modo, ainda que os contatos aconteçam na mesma hora, pelo que se experimenta na maioria dos modelos de salas virtuais disponíveis para conversa na internet, é sempre necessário aguardar um certo intervalo de tempo entre o momento em que o enunciado é digitado por um remetente e o momento em que aparece na tela dos usuários conectados no mesmo canal.

Proponho portanto uma análise que permita mostrar, através destes fragmentos de bate-papo, o acúmulo de atos de falas na linha do tempo em que simultaneamente tecem interações dispersas e põem em risco o andamento de uma conversa. A questão é saber que processo enunciativo é possível observar numa conversação quando os turnos de fala sobrepõem-se, cruzam-se, disputando espaço de permanência numa mesma escala temporal. Neste panorama disperso, tanto pode haver desencontros discursivos, quando colisões enunciativas, no caso de atos de enunciação fora de qualquer ordem de discurso.

Para capturar o ritmo com que cada sujeito conectado participa da constituição da conversa basta seguir a barra de rolagem na tela do computador, observando o desdobramento da conversa e atentando sobre os traços significativos da temporalidade. Estes traços indicam a produção de pausas entre os turnos e no intervalo de tempo que leva cada um para digitar sua fala e do tempo necessário para que o computador central as exiba na tela de todos os participantes.

Em uma sala de conversa na internet, as pausas e diferenças de andamento no ritmo das enunciações não podem ser percebidas do mesmo modo que nas interações orais. Em ambiente virtual, elas se mostram por escrito na marcação digital da hora que vem à esquerda de cada ato de fala registrado na tela do computador. A duração que aparece aqui não é relativa ao período em que cada indivíduo elabora e produz sua fala, mas ao percurso que esta faz até materializar-se e compor o circuito interativo. Assim toda vez que se observa uma fala relacionada com outra, leva-se em conta o intervalo de tempo que as distancia e o que se passa em termos de turno de fala no interior deste intervalo.

É importante ressaltar que é o ato de enunciar que produz sujeitos

em contato, e não o contrário. Tal o traço distintivo próprio da enunciação instituindo a relação eu-tu, conforme Benveniste (1996). No primeiro segmento do recorte exposto acima, observa-se que a pergunta de *C*, lançada às **07:42:05**, só recebe uma resposta de *A*, às **07:47:10**. Cinco minutos e seis segundos é intervalo de tempo bastante para que muitas outras falas sejam arroladas à cadeia conversacional. Neste entre-tempo, que vai de **07:44:36** a **07:47:06**, a barra de rolagem exibe um instante qualquer de interação produzida por atos enunciativos pegos pelo sistema de comunicação mediada por computador ao acaso da conversação em curso.

É esta distância na relação entre dados atos de enunciação mutuamente co-referidos que descreve a pausa específica de eventos interativos na internet. Na mesma perspectiva de análise, tomemos a segunda seqüência do recorte de conversa apresentado acima. Às **08:49:11** o coordenador do grupo, Trevisan, começa a introduzir o tema da primeira sessão de oficina. Reportando-se a um material explicativo previamente enviado ao grupo, fala com todos perguntando se querem perguntar ou discutir o material. Neste ponto de sua fala, dirige-se particularmente a um deles advertindo que a discussão deve ser feita com calma. Outra fala aparece quatro segundos depois às **08:49:15**, O ato de fala constitui Trevisan como co-enunciador, mas desloca o tema da conversa. Quer saber sobre a origem da palavra LARICA. Às **08:49:21** repete a mesma intervenção. Mas apenas trinta e cinco segundos depois após a repetição, às **08:49:11**, o ato de fala de *S* constitui seu interlocutor em outro ponto diferente daquele no qual seu ato de fala marcava seu alvo. No tempo notado **08:49:56**, rola na tela a enunciação de *M*, fechando ali com *S* uma cadeia conversacional com a qual, tardiamente, vem se encontrar o enunciação de Trevisan às **08:50:13**.

O interessante é ver que, enquanto um grupo de atos enunciativos conectam-se formando um fluxo interativo, outros atos permanecem à deriva, dispersos, distantes de qualquer organização conversacional. É o caso das falas que intervêm nos tempos **08:49:37** e **08:49:54** e das que se interpõem à tentativa de Trevisan de dar à interação entre os internautas conectados o rumo conversacional pretendido. Há a fala de *A* às **08:50:17**, anunciando-se e despedindo-se, e provocando as enunciações de *M*, **08:50:48**, de *F*, às **08:51:20** e de *R*, às **08:52:32**. Suspenso e entroncado neste circuito, paira o ato enunciativo de *S*, às **08:51:03**, indiferente ao que veio antes e ao que virá em seguida.

Com esta breve amostra de análise, quero lançar elementos para analisar o ato enunciativo como acontecimento tomado na indeterminação material que só se resolve pela intervenção de uma ordem discursiva. No que o ato de enunciar tem de indeterminado aqui concerne à simultaneida-

de do falar e escrever, que no caso da situações virtuais de conversa, remete a uma heterogeneidade rítmica em que os efeitos de sentido transitam de uma ordem a outra de discurso. Neste sentido é que se pode falar de uma enunciação autônoma relativamente ao discurso que a captura. Ela não se refere a posições de sujeitos determinados, mas as ultrapassa, desorientando a discursividade. No extrato focalizado neste artigo, vê-se que as irrupções incontroláveis de enunciações que se propagam em dada sala virtual configuram pontos problemáticos em que a organização conversacional é constantemente colocada em risco. Os atos de fala escritos do coordenador apresentam-se para constituir interações coesas e coerentes entre protagonistas situados em lugares separados. Mas estes mesmos atos chocam-se com outros com os quais podem não produzir uma rima perfazendo uma descontinuidade enunciativa provocada pela defasagem temporal. Tudo porque o registro escrito da fala toma tempo. Quando o ato de fala registrado no instante **08:52:56** entra para retomar o rumo da conversa é três segundos após interceptado por outro. Este permanecendo isolado reduz-se a uma duração que, embora descontínuo e fora da ordem, em meio a múltiplos atos de enunciação, não chega a promover uma colisão discursiva e portanto a desorganizar a unidade conversacional.

### **BIBLIOGRAFIA**

- BAYS H., Framing and face in Internet exchanges: A socio-cognitive approach. In: <http://viadrina.eu/frankfurt-o.de/~wjournal/bays.htm>, 17-06-2002
- BENVENISTE, E. A estrutura das relações de pessoa no verbo. In: *Problemas de lingüística Geral I*. Campinas, Ed. Pontes, 1996.
- DELEUZE, G. *L'image temps*. Paris. Les éditions de Minuit. 1985
- FOUCAULT, M. *Ordem do discurso*. Edições Loyola, 1996,
- PÊCHEUX, M. *O discurso; estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes, 1990.
- SOUZA, P. Os suprasegmentos como índices da subjetivação na enunciação oral. In: *Revista da Anpoll*, No 9, junho/2000.
- TROGNON, A. Discontinuités énonciatives. Temps de l'interaction et temps de la pensée. In: *Temps et Discours*, Presses Universitaires de Louvain, 1994. pp. 65-85.

WOLTON,D. *Internet et après? Une théorie critique des nouveaux médias.*  
Paris, Flammarion, 2000.